

5

Conclusão

5.1

Espécie de conclusão

E o que eu percebi ao final desse processo? Não gosto muito da idéia de conclusão, porque a sensação nunca é a de uma conclusão, mas acho que algumas coisas, ainda que mais me pareçam pontos de partidas do que conclusões, consegui organizar no meu pensamento, sobretudo no que tange a leitura do romance e a presença dos corpos que aí aparecem.

Hoje consigo perceber de maneira diferente da inicial os três erotismos de Bataille, a monstruosidade o corpo-sem-órgãos de Deleuze (aqui adaptado para esse trabalho) nos corpos das personagens Mylia, Ernst e Kaas.

O corpo de Mylia, talvez tenha desde o início me afetado sem que eu soubesse porquê, mais do que os outros, porque por ele passam tanto o erotismo dos corpos como o sagrado, além de nele perceber essa presença de um CsO.

Esses erotismos vividos pelas personagens, bem como a monstruosidade de Ernst e Kaas, compreendem a promoção de uma desorganização. É nesse devir-corpo que se encontram: as doenças que possibilitam as curas e a fraqueza que possibilita a força para resistir e gritar.

Bem como, esse movimento em direção à nossa profundidade, compreende um retorno que parece sempre visar transpor a superfície — ganhando a altura acima da pele.

E gostaria de trazer o que consegui pensar, um pouco mais para perto de mim...

5.2

Segunda espécie de conclusão

Espero que quem tenha chegado até aqui, tenha vindo bem, entre curvas e solavancos. Espero não ter causado muitos transtornos. Como disse, lá no início,

realmente só chegando ao fim percebi que tinha criado essa estrada que é como uma serra cheia de buracos.

Foi mais especificamente no milagre de Mylia que me deu vontade de prosseguir indefinidamente brincando com os temas levantados: o CsO, os erotismos, o grito, o fascínio, o monstruoso; e ver até onde as variadas combinações desses assuntos em *Jerusalém*, poderia se estender.

Se eu tivesse escrito por mais tempo, a tentação de deixar com que nenhum aspecto do livro escapasse ao meu mosaico seria maior. Mas gostaria de tê-lo feito. Gostaria de ter praticado mais essa minha análise combinatória de temas. Certamente eu teria me repetido mais, mas teria sempre trazido um elemento novo (que aqui em geral apareceu como um autor).

Por fim acabei não colocando a prova todas as análises combinatórias possíveis dos temas aqui supracitados, e conseqüentemente fica a curiosidade de conhecer os limites deste mosaico: onde dentro de *Jerusalém* eu não conseguiria a combinação de grito, fascínio e monstruosidade, por exemplo? Ou: se existe monstruosidade no erotismo existe erotismo na monstruosidade? Ou ainda: os monstros gritam por serem monstros? No que implica o amor de Mylia como resistência?

Minha proposta inicial era a de identificar a presença do erotismo e do CsO nos corpos de Mylia, Ersnt e Kaas. Acho que tive algum sucesso. Mas fica essa frustração de não ter esgarçado essa minha estrutura forjada, até que eu realmente me conformasse de soltá-la — o momento em que ela parasse de funcionar possivelmente.

Mas, essas novas perguntas são mesmo muito novas para mim. E espero que esse texto, com seus tantos caminhos não explorados, possa ao menos ensejar a possibilidade de alguns percursos de leitura para a questão do corpo, seus milagres, e *Jerusalém*.

5.3

E é assim que eu sobrevivo

De alguma maneira, todas essas especulações, caminhos de raciocínio, e conclusões, me atravessaram a vida, sobretudo nesses últimos seis meses. Tempo

em que tantas vezes foi tão difícil distinguir quais eram as reflexões teóricas e quais eram as pessoais.

É muito difícil separar a mulher que escreve uma dissertação da acadêmica que escreve. Essa separação pessoa física e jurídica. Talvez tenha sido tão difícil por ter sempre me sentido tão atraída e ao mesmo tempo tão retraída face a idéia de desenvolver um pensamento teórico.

A idéia sempre me foi um desafio que envolve a escrita, atividade que sempre pratiquei um tanto sorrateiramente e sempre por uma necessidade romântica. Mas desenvolver um pensamento sistemático é como aprender a falar outra língua — que tem uma cadência muito diferente, o ritmo que uma dissertação pede é muito específico. Existe a exigência de se encontrar uma rotina intelectual que implica em uma rotina afetiva: meu desafio.

Mesmo não deixando de ser uma atividade com a qual eu tenha alguma intimidade, existem coisas que não combinam muito com o exercício diário da escrita e que muitas vezes eu não pude contornar. O que podia fazer se me deparava (e me deparo) o tempo inteiro com uma menina que cai de cama com a garganta inflamada e de imunidade em formação?

Foi quando estava lendo o *Vigiar e Punir* que uma gripe, ou pelo menos a sensação dela, piorou consideravelmente.

Desde criança sempre fui assim. Qualquer tristeza me fazia logo doente.

Será que era isso mesmo? Ou será que vejo isso agora porque agora é assim? — não posso ficar triste que adoço.

E fato é que não estava me fazendo bem ler sobre punções e cenas de execução. O que era naturalmente um problema, já que pra escrever a minha dissertação eu teria que ler essas coisas. E como resolveria esse impasse?

E mais: porque ler *A História da Sexualidade* estava me fazendo tão mal? Por que o próprio *Jerusalém* estava me fazendo mal?

Se por um lado, todo esse mal poderia parecer frescura, e o que nesses casos eu devesse fazer fosse ignorar esse mal e prosseguir... a verdade é que eu nunca consegui fazer isso.

Eu não parei de ler por preguiça veja bem: eu parei porque estava me paralisando — eu sei a diferença. Eu imagino que ficar paralisada por causa de uma dissertação seja algo natural. Mas... era mais que isso.

Pensar no tema me deixava mais que angustiada por medo de não conseguir executar o trabalho. Pensar no tema me deixava deprimida. E em algum momento — talvez tenha demorado demais até que eu chegasse nele — eu tive que me perguntar por que, sem medo de encontrar uma espécie de resposta.

A idéia de gente sofrendo, sendo punida, torturada, obviamente não é uma idéia agradável. Mas o meu problema, descobri, é que parei de olhar pro romance como um todo — que realmente talvez seja difícil de se enxergar como uma obra esperançosa; mas afinal, por que?

O meu problema é que comecei a olhar apenas para as punições e a resistência (sempre difícil) das personagens punidas. E como o motivo para a punição e a razão para a resistência são indissociáveis (de maneira que talvez seja mais óbvio do que me pareceu na maior parte do tempo) pensar em dois dos temas centrais da dissertação era no fundo pensar em um só: o tema do sofrimento. E eu não agüentava mais sofrimento. Eu estava sofrendo. Eu queria algum alívio.

Naturalmente isso influenciou a saída do tema das punições dessa dissertação — ele me fazer sofrer. Sim. Estar sofrendo era um problema pra mim. O que fazer quando se está sofrendo tendo que conviver com esse sofrimento diretamente para encarar um trabalho?

Eu também não agüentava mais ficar doente. E essa coincidência, que não tem como eu não diagnosticar não como coincidência, mas como duplo diagnóstico da doença — elas nunca vêm separadas, estava me deixando exausta e exasperada.

E talvez ainda vá me deixar muitas vezes: não sei quantas vezes ainda vou ficar tão triste e tão doente.

Não foi à toa naturalmente que eu resolvi escrever sobre o corpo. Meu corpo sempre foi muito evidentemente um termômetro dos meus humores. Negar isso ou lutar contra isso tem me parecido cada vez mais uma burrice.

Negar que eu acabo sendo guiada pelos meus afetos na hora de executar as tarefas da vida, já me deixou muito cansada na vida. Talvez todo mundo seja assim. Talvez todo mundo tenha aprendido antes de mim. Mas só agora eu sei o quanto eu preciso lidar com isso.

E por isso escrevo aqui. Porque estou inteira neste trabalho. E não consigo separar o que é trabalho do que é o que eu sinto. Então muitas vezes para conseguir trabalhar eu tive que trabalhar *com* o que eu sinto.

Ora, se eu sou tão sensível, por que resolvi escolher um tema que me deixaria tão obviamente transtornada? Talvez porque eu intuísse que eu precisava passar por isso. Talvez porque eu intuísse que só assim eu iria aprender: eu precisava começar pelo fim. Ou pelo menos eu precisaria visitar o fim todas as vezes que eu estivesse sofrendo — e eu sofro muito. Mas acho que não estou escrevendo esta dissertação para aprender a parar com isso. Não sei.

Eu me coloco em situações de sofrimento: eu desejo demais, e naturalmente como quem leva seus desejos a sério, me frustro demais. O levar essas frustrações tão a sério é que me faz sofrer tanto. Eu sofro de verdade. Sou capaz de ficar dias escondida no meu quarto.

Eu poderia ter ido fazer análise quando entrei no mestrado e talvez tudo estivesse resolvido. Eu poderia não ter passado por situações limite nos últimos dois anos; se essas situações não tivessem acontecido eu poderia ter feito um curso melhor. Mas a verdade é que esse mecanismo do meu apaixonamento me pertence de um jeito... que eu preciso aprender a contornar na prática.

Não acho que vá terminar essa dissertação sabendo isso. Acho que vou continuar me apaixonando e sofrendo. Mas ao menos vou conseguir olhar para o fim agora.

Não. O fim não é um casamento de Eros e Psiqué, mas bem poderia. Porque talvez não seja tão distante disso também. Não deixa de ser um Happy End. Pois pode ser difícil achar *Jerusalém* uma história de final feliz, mas Mylia sobrevive.

Mylia sobrevive. E isso é uma coisa enorme.

Por que me esqueci de que isso é uma coisa enorme? Me foquei em achar que tinha que estudar as formas de punição e resistência dentro do romance; e comecei a passar batida pela sobrevivência. Comecei a olhar para a sobrevivência

como um sub capítulo da resistência que segue o da punição, mas não é nada disso.

Comecei a olhar assim, provavelmente porque quando percebi em quando li que Mylia sobrevivia — o milagre. Mas esqueci da importância do milagre. E fiquei tratando o milagre como um sub capítulo.

Mylia sobrevive. E isso é uma coisa enorme.

Me dei conta disso no momento em que comecei a melhorar de vez dessa enfermidade não grave; quando me neguei a ir parar no hospital porque preferi encontrar a minha melhora no escuro do meu quarto. E me dei conta de que estava na prisão. A prisão. Esse lugar em que Mylia se confina para se refazer. Eu estava me refazendo.

Como disse, eu vivo adoecendo. De maneira que vivo sempre me refazendo. Mas dessa vez adoeci mais. Um pouco mais. E adoeci mais sem agente externo.

Quero dizer que, por exemplo, já tive uma úlcera, mas foi por conta de anti-inflamatórios que eu tomei por conta de um pé torcido. A minha sensação é que dessa vez, eu não fui, nem ninguém foi, responsável por eu ficar doente. Indiretamente talvez... sim... mas...

Eu simplesmente fiquei triste e doente, e mais doente do que o normal (uma gripe). Eu não fiquei doente e acabou sendo conveniente, porque eu estava triste, e tomei chuva e não tomei vitamina C. Fiquei doente sem querer, como quem fica triste. E mais tempo do que alguém suporta com alguma tranquilidade (uma semana, que aliás é o tempo de uma gripe).

Se me expus à tristeza e ao sofrimento acho que não vem exatamente ao caso. Como o de Thinka o “Meu problema não é na cabeça. É no coração” — É que tem uma hora em que perdemos o controle de como e por que estamos sofrendo. Não temos mais escolha. Em algum momento escolhemos sim. E nesses momentos eu sempre escolho a opção mais arriscada. Uma pessoa com a minha imunidade não deveria fazer isso. Eu sei.

Enfim: cansei de sofrer.

Quero olhar pro milagre

(Mylagre?)

Olhar para o milagre de Mylia é olhar para o meu próprio milagre.

Para os meus próprios milagres.

E na realidade, talvez mais do que de todos, um milagre específico; que nada tem a ver com o motivo que me deixou doente naquelas duas, três semanas.

Na realidade a doença daquelas duas semanas foi um somatório. Um somatório que implica em estar fechando um ciclo. Que envolve estar escrevendo isso. Que envolve estar tendo que escrever isso.

Ou ainda talvez: a doença daqueles dias tenha sido processamento daquele milagre específico, somado a estar terminando um ciclo acadêmico, somado ao meu problema que é coração: tudo isso: um ciclo.

Os meus milagres.

As minhas sobrevivências.

E como não poderia ser diferente, estou cá eu, falando de Mylia para falar de mim.

Curioso é que ao fim de tudo isso, entregando dissertação, e sem conseguir deixar de olhar para tudo sob o olhar de alguém que semi-construiu um pensamento e está concluindo um ciclo, eis que Joseph Fritzl foi julgado e condenado à sua prisão perpétua.

Essas coincidências, que a gente não consegue deixar de desconfiar de que não sejam coincidências quando acontecem.

O estuprador e assassino da própria filha cumprirá pena nos primeiros anos, veja só, num regime de prisão... psiquiátrica! Desde que soube da novidade, ando torcendo para que ele vá parar no Georg Rosenberg.

É divertido ver outros filmes chegando ao fim. E perceber as possibilidades de recomeço. Perceber como eu ainda poderia trabalhar com o que eu construí, e finalmente poder começar a elucubrar a respeito do futuro.

Estou alcançando este texto finalmente, para que ele alcance quem o ler for. E certamente isso será um alívio. A sensação de verdadeiramente estar saindo do meu quarto, desse meu movimento solitário, desse meu subsolo.

Agora finalmente, como quem acorda de um sono profundo, posso levantar, ainda meio dormindo, para num bocejo tentar chegar à altura onde outras pessoas.

Depois de todo esse ensimesmamento posso retornar, posso voltar, e passar mais uma temporada de Core, torcendo para fazer minha voz soar senão no peito, talvez nos sonhos de outras pessoas.

5.4

O milagre de Mylia, os nossos milagres (Mylagres?)

Marguerite Duras, diz sobre o cinema “que não vale mais à pena. Que o cinema conheça a sua perda. Esse é o único cinema”; e me lembra o último fragmento de *O Homem ou é Tonto ou é Mulher* de Gonçalo, quando ele diz do cinema e das artes que tudo isso “não adianta nada”.

O cinema, o teatro, a literatura, e as dissertações, por que não? Não adiantam nada. Não servem. Não são úteis. São contra-atividades. Não se tratam de grandes revoluções, como se disse aqui.

E diria desse texto, que se trata de um grande pequeno sucesso pessoal. E diria de *Jerusalém*, que é um grande pequeno sucesso maior — nos restam essas pequenas conquistas. Mas são conquistas. São vitórias. São contaminações.

São compartilhamentos; resistências afetivas, que só por isso transbordam passando de uma a outra pessoa. São sim linhas de esperança essas linhas de fuga — linhas de esperança que viajam de corpos em corpos. Tornando-nos possível respirar mais arejadamente.

Se morreram as grandes revoluções não morreram as pequenas revoluções, que no entanto, devem se refazer, cotidianamente. Incessantemente.

E é porque conhecemos a doença de Mylia, que conhecemos o seu milagre. E se o milagre de Mylia é o nosso milagre, não serão suas doenças e seus

gritos também nossos? Cabe a nós, procurarmos encarar nossos próprios monstros, nossos próprios erotismos, encontrando no fundo de nossos corpos a fraqueza de nossas doenças e a força de nossos gritos — nossas resistências.

Que como toda resistência precisa se refazer, cotidianamente. Fazendo sempre de nossos grandes fracassos, nossos pequenos, mas não por isso menos milagres.

É preciso não esquecer: Mylia sobrevive e isso é uma coisa enorme.